

A esperança dança na corda bamba de sombrinha

O *lar comum*, a guerra, a democracia e D. W. Winnicott¹

Fernanda Cristina Dias,² São Paulo
Leopoldo Fulgencio,³ São Paulo

Resumo: O artigo explora a teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott, destacando seu viés psicossocial, que conecta aspectos subjetivos e relacionais entre indivíduo, família e sociedade. A ênfase recai na importância da parentalidade suficientemente boa na promoção do desenvolvimento emocional saudável, salientando o papel do ambiente facilitador, presente no *lar comum*, que sustenta a espontaneidade e a tolerância às ambiguidades e diferenças presentes nas relações humanas de base, aspecto fundamental para a sustentação da máquina democrática, e para recuperar os laços sociais, que se dissolvem em regimes totalitários e nas guerras. Sob esse referencial, o artigo discute como psicanalistas contemporâneos podem incorporar o incômodo da destrutividade, transformando-a em agressividade vital, para sustentar um self psicanalítico maduro. Essa abordagem permite a construção de novas epistemes e práticas psicanalíticas sem perder a autenticidade da disciplina.

Palavras-chave: *lar comum*, guerra, democracia, D. W. Winnicott

- 1 Este texto deriva do capítulo 3 da tese de doutorado desenvolvida no Instituto de Psicologia da USP, por Fernanda Cristina Dias, sob orientação de Leopoldo Fulgencio. O título da pesquisa é “Winnicott no país tropical: o lar comum brasileiro do século XXI”.
- 2 Psicóloga, psicanalista, mestre e doutoranda em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP). Autora de *O feminino entre nós: um diálogo com Winnicott* (2022, Blucher). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3584-9867>
- 3 Professor associado (livre-docente) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Autor de *O método especulativo em Freud* (2008, EDUC), *Freud e Mach. Influências e paráfrases* (2016, Concern), *Por que Winnicott?* (2016, Zagodoni) e *Psicanálise do SER* (2020, EDUSP).

Introdução

Toda vez que Winnicott usava a palavra “comum” seja para referir-se às mães ou aos lares, expressava, de alguma forma, “um desejo nascido no longo período pós-guerra e de sofrimento nacional, mas também para trazer esperança para as gerações futuras”, uma vez que, segundo Adam Phillips, “em suas notas de caso, pais bêbados ou agressivos, mães incultas, tornam-se *mães devotas comuns*” (Alexander & Taylor, 2012, pp. 151-152; tradução e grifo nossos).⁴

Nesse contexto, as conexões estabelecidas em âmbito familiar ganham destaque, e a família e o que ela tem de mais *comum* tornam-se o epicentro do desenvolvimento individual e social.

No quadro relacional de Winnicott, o aspecto dual das relações aponta para o individual (self) que não existe sem o social (objeto/cuidados ambientais) e para o paradoxo intrínseco às relações interpessoais, de caráter psicossocial.

Há, portanto, um aspecto progressista na visão psicossocial de Winnicott, pautada na esperança de (re)construção do Estado de bem-estar social britânico no período pós-guerra e que aposta no ambiente relacional (e psicossocial) afetivamente responsável e nas diversas formas de cuidados institucionais, que dão estofa à construção, manutenção (e em, alguns casos, restauração) do tecido social democrático: “o problema pessoal de cada um ... afeta a sociedade em sua menor unidade, a família e o lar” (Winnicott, 1946, p. 227).⁵

Conforme define a geologia, epicentro é o ponto da superfície terrestre onde o tremor de terra é sentido primeiro. Nesse mesmo sentido, pode-se pensar que os tremores sociais que acontecem na *polis* e na *res publica*, ao mesmo tempo que denunciam as condições de um povo ou de uma nação, põem em xeque suas bases inter-relacionais, que foram estabelecidas no seio de cada família, ou, melhor dizendo, em agrupamentos de pessoas afetivamente conectadas, marcando também nesse contexto o lugar de um epicentro.

4 Todos as citações e referências a trechos das obras de Winnicott foram traduzidas de forma livre, diretamente do inglês para o português.

5 Como referência à obra de Winnicott, as citações são feitas com base na “Lista completa das publicações de D. W. Winnicott”, organizada por Knud Hjulmand (1999), considerando o ano da primeira publicação de cada artigo ou livro, bem como uma letra que designa a ordem em que foi publicado naquele ano.

Para além da geologia, há outros tremores que influenciaram Winnicott na formulação do que é *comum*, e que surgiram em meio aos bombardeios das guerras mundiais, momento de destruição radical do laço social e da perda do ambiente, influenciando diretamente nos desenvolvimentos teórico-clínicos do autor.

Margaret Little, uma das analisandas de Winnicott, lembra-se de que, durante o Primeiro Encontro Científico da Sociedade Britânica, do qual participou, havia “bombas caindo quase a cada minuto, e pessoas se protegendo ao cair de cada uma delas. No meio do discurso, alguém, que mais tarde fui saber que era D. W., se levantou e disse ‘Eu gostaria de ressaltar que há um ataque aéreo acontecendo’, e se sentou. Ninguém deu especial atenção ao fato, e o encontro continuou tal como antes!” (Phillips, 1988/2006, p. 97)

Diante do cenário geopolítico atual, de retorno a visões totalitárias e destrutivas, que visam o extermínio do outro-diferente, principalmente com os conflitos vigentes travados entre Ucrânia e Rússia e entre Israel e Palestina, precisamos, assim como Winnicott, demonstrar algum senso de responsabilidade pela sociedade em que vivemos.

Dessa forma, torna-se necessário explorar o aspecto psicossocial imbricado à destruição promovida pela guerra, tal qual desenhado e proposto pelo autor, para que a esperança possa seguir seu curso e o *comum* da vida cotidiana se torne possível. Afinal, conforme demonstrou Winnicott no Encontro Científico da Sociedade Britânica, o mundo externo não pode ser negado.

Winnicott e o *lar comum*: o termômetro psicossocial de seu tempo

O lugar subjetivo que o indivíduo ocupa na cena social é entendido por Winnicott, pelo viés da dependência, como aquele que leva em direção a uma suposta autonomia, conciliadora do que é *próprio de cada* pessoa, e ao encontro do que é de interesse social ou coletivo e que denomina “o que é *nosso*”.

Winnicott demonstra, a partir de sua teoria do desenvolvimento emocional, que há uma tendência inata ao amadurecimento e que, quando apoiada por um ambiente facilitador ofertado pela parentalidade suficientemente boa, oferece condições para que essa *autonomia responsiva* seja atingida.

Neste trabalho optou-se pela *parentalidade* em vez da *mãe suficientemente boa*, porque entendemos que ela é mais condizente com as configurações atuais de cuidados básicos, de forma que não é a mulher na função de mãe a única responsável pelos cuidados iniciais de um bebê. Além disso, o termo “parentalidade” é neutro e desprovido de qualquer indicação de gênero e orientação sexual dos responsáveis pelos cuidados com o bebê. A qualidade dos cuidados de base é, assim, mais importante que a configuração parental.

Utilizou-se a palavra “responsiva” para ressaltar o foco posto pelo autor (Winnicott, 1984a) nos atos de reparação ligados aos aspectos construtivos e destrutivos das relações humanas, encenados a partir das primeiras relações com o ambiente facilitador, e que servem de bojo para o nível de tolerância e articulação de cada indivíduo, quando suas necessidades instintuais⁶ encontram-se com as demandas da cultura.

Winnicott vale-se das contribuições de Klein sobre o tema da reparação e avança na direção de elucidar a necessidade do desenvolvimento de um si-mesmo (self) em uma unidade subjetiva que seja capaz de assumir “*plena responsabilidade* por todos os sentimentos e ideias que pertencem ao ‘estar vivo’” (Winnicott, 1984a, p. 82), ampliando o horizonte kleiniano que atrela a reparação à culpa. Assim, a reparação saudável estaria potencialmente ligada à *responsabilidade* e à *preocupação* com o outro.

Nesse sentido, a ideia de possuir um self ou ter o sentimento de “Eu sou” integrado às vivências pessoais pauta-se por uma recusa inicial ao que é não-self ou não-eu, para então, na saúde, com esse aspecto identitário bem sedimentado, poder suportar o que é diferente de mim, ou, de forma mais sofisticada, conviver com as outras pessoas e com o mundo lá fora, sem nutrir um alto nível de persecutoriedade em relação às diferenças (Winnicott, 1964; 1984b).

Winnicott ressalta que a luta identitária pressupõe sempre um ganho ligado a uma perda – a mãe precisa ser *desautorizada*, para que a *desconfortável* unidade possa se estabelecer, abdicando a *perda* da fusão original segura.

É um binômio (perda-ganho) que não se descola (na saúde) e convive de forma paradoxal e ambivalente, enquanto, na patologia, causa uma série de problemas ligados ao senso de si-mesmo, de encontrar sentido para a

6 Há uma discussão no campo psicanalítico sobre o uso da palavra “instinto” em lugar de “pulsão”. Neste trabalho optaremos por *instinto* ou *instintual*, seguindo a forma adotada pelo próprio Winnicott ao tratar dessa questão em sua obra.

vida, expresso em diferentes níveis e a partir de distintas patologias e/ou sintomas, que em alguns casos levam à total cisão da unidade psique-soma, nunca conseguindo ser “ele mesmo”.

Do ponto de vista da saúde, o processo identitário pressupõe também um elemento criativo, porque se funda na experiência de ser e continuar sendo a partir do gesto espontâneo e do hiato entre o eu e o não-eu.

Desde os primórdios, o bebê prepara-se para encontrar um mundo cheio de objetos e, conforme vai-se descolando dos cuidadores principais, vai experimentando graus de onipotência, como se o que ele encontrasse no mundo fosse algo que ele mesmo criou (a mamada satisfatória quando estava com fome, por exemplo), até apreender, com o tempo, que existe um mundo além dele (Winnicott, 1986c).

Esse movimento que vai da onipotência até a alteridade e o encontro com o mundo externo permite certa elasticidade e sobreposição saudável entre a fantasia e a realidade, entre o eu e o outro, de forma que tudo que existe no mundo tem sempre um aspecto híbrido e de mistura, trazendo um senso de pertencimento. “No viver criativo, tanto você quanto eu descobrimos que tudo aquilo que fazemos fortalece o sentimento de estarmos vivos, de que somos nós mesmos” (Winnicott, 1986c, p. 43).

Winnicott ressalta que o viver criativo não se refere à criatividade artística, mas sim à possibilidade de lidar com a realidade externa sem perda excessiva do impulso pessoal. Nesse processo identitário, o conceito de falso-self, e suas implicações na mediação do que é próprio do eu e do outro, é apresentado como a instância identitária que faz a ponte entre os interesses pessoais e os de ordem coletiva, a partir de uma *concessão narcísica diplomática*, em que há possibilidade de adaptação em algumas áreas, enquanto há também o limite pessoal do que é aceito ou não na experiência com o mundo (Winnicott, 1986b).

Todas essas experimentações do self acontecem por meio dos cuidados ambientais iniciais, e é nesse sentido que o *lar comum* e a família tornam-se elementos úteis e de importância psicossocial, porque é nessa ambientação que o bebê, a criança, o adolescente e o futuro cidadão do mundo poderão ser eles mesmos, tendo a experiência de poder odiar, amar, reivindicar, agredir, reparar e escolher suas lutas, a partir do que é *seu*, do que é do *outro* e do que é *nosso*.

No *lar comum*, o que se destaca é a riqueza das relações múltiplas, a natureza distinta de cada um dos cuidadores e da criança (e de possíveis

irmãos e irmãs) e do entorno familiar mais amplo, produzindo ressonâncias e possibilidades de experiências enriquecidas pelas diferenças e pelos encontros.

Winnicott ilumina a agressividade não destrutiva, ligada à vitalidade necessária para o isolamento do self e que se constitui como um elemento importante para a construção do tecido social e político, ambientado inicialmente nas relações com os cuidadores (Bowker & Buzby, 2017; tradução nossa).

É nesse sentido, também, que os laços afetivos de base são palco para o “Eu sou”, e o self é apresentado como produto de uma relação grupal, que se baseia na confiabilidade das relações humanas ensaiadas no *lar comum* e vivenciadas na vida em sociedade.

A confiabilidade presente no *lar comum* dá sustentação ao sentimento de esperança que se encontra nas relações interpessoais, estabelecido de forma espontânea, trazendo a *crença em* como um elemento psicológico (e psicossocial, explorado pela religião e pela experiência cultural) derivado e cultivado pelas relações fundamentadas no *lar comum*.

Apesar de todos os desvios ligados à estrutura social e aos papéis de gênero e raça aos quais o *lar comum* de Winnicott pode conduzir, presumindo uma família branca vinculada à heteronormatividade, ele mesmo entende que aqui não está em jogo a casa bonita e bem organizada ou a família espetacular que merece ser noticiada, mas o lar vivo que, mesmo com toda precariedade de infraestrutura que possa surgir, consegue fornecer um ambiente suficientemente bom para que relações autênticas possam se estabelecer.

De maneira geral, o caminho que leva o indivíduo saudável (aquele que vive uma vida autêntica) a uma sociedade saudável e democrática é reforçado pelo papel fundamental do self na teoria desenvolvimentista de Winnicott, um elemento fractal, de natureza pessoal e social, que precisa do *lar comum* para se estabelecer.

Winnicott e a guerra: falha ambiental no *holding* da Pátria, mãe gentil

Apresentamos até agora, de maneira sucinta, as contribuições de Winnicott para uma compreensão psicossocial, partindo da ideia do indivíduo saudável, passando pela família e o *lar comum*, até atingir a sociedade.

Esse trajeto aponta para as bases da democracia, tendo como *télos* a proteção do bem-estar social britânico no período pós-guerra. Winnicott

parece propor que seja possível fazer um certo gerenciamento da maturidade individual (e coletiva) (Groarke, 2014) e demonstra, a partir de seus desenvolvimentos teórico-clínicos, gravitacionais aos aspectos sociopolíticos de seu tempo, que as questões ligadas ao self e ao seu funcionamento influenciam a construção de um Estado liberal democrático.

Pode-se dizer que a ideia de *lar comum* é uma ampliação já conjecturada por Winnicott propondo que os cuidados básicos ofertados e que foram interrompidos em virtude da guerra poderiam ser retomados e posteriormente expandidos para o ambiente de cuidados parentais em reconstrução, e estendidos ao tecido social, fortalecendo a democracia.

Tendo a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) como marco histórico, pode-se inferir que não é coincidência o fato de Winnicott ter começado a vislumbrar conversas pelo rádio com mães exatamente no momento de eclosão da guerra e de destruição do ambiente (1939), podendo futuramente pôr em prática sua intenção (em 1943, quando fez sua primeira transmissão), tendo passado pela experiência de tratar de crianças com problemas ligados à deprivação (atuação com Claire Britton em Oxfordshire, em abrigo para crianças evacuadas em virtude da guerra) que apontam para cuidados parentais que foram perdidos (Dias, 2022; Kanter, 2000).

O trajeto destruidor da guerra e suas consequências parece ter sido o roteiro explorado em alguns textos do autor, principalmente aqueles ligados aos objetivos da guerra e ao Muro de Berlim, em que o foco é o “gerenciamento” do bem e do mal dentro do self, que é a fonte do que é projetado no que se chama de “estrutura social”.

Com esses desenvolvimentos, Winnicott já anuncia os princípios do que ele mais tarde observou na relação entre os indivíduos antissociais e a instituição do totalitarismo, que buscam na figura do líder a solução mágica para tal descontrole, por meio da força física e da perseguição a supostos inimigos, como judeus, palestinos, ucranianos, russos, mulheres, negros etc.

Para Winnicott, a ideia de bem só existe a partir do mal, assim como a de liberdade torna-se clara por meio do controle, sendo necessária a instituição de fronteiras para que se reconheça plenamente o conflito, sem que haja a busca por saídas fáceis (ou, em termos psicodinâmicos, formações defensivas).

A liberdade estaria assim relacionada ao viver criativo, em contrapartida à vida empobrecida pela desesperança e escassez de força vital. Na vida social, a ideia de sentir-se livre está ligada às próprias possibilidades pessoais de viver os limites. Isso porque, assim como a personalidade tem limites, a

sociedade (ou a nação) também deveria ter, de forma que não é possível avançar socialmente sem que o mesmo avanço seja experimentado no interior do self. É preciso pertencer a um lugar – ou, melhor dizendo, sentir-se com borda e circunscrito, no colo dos cuidadores, no próprio corpo, na família e na comunidade.

É nesse sentido também que, no texto “Berlin walls” (Winnicott, 1986a), o autor usa o Muro de Berlim como metáfora para pensar a organização do sujeito psicológico em uma unidade, com suas fronteiras e limites para a contenção de certa tensão entre afetos antagônicos, tão importante durante a guerra fria. No momento pós-guerra, ele parece ter sido necessário para “organizar” a condição maníaco-depressiva que se instaurou na Europa e em outras partes do mundo.

Nos textos do autor ligados à temática da guerra, o caminho traçado para se atingir a liberdade e a possibilidade de *viver de forma criativa* é traçado no interior de cada pessoa, a partir de suas lutas internas e por meio dos recursos que utiliza para lidar com elas quando em contato com a vida afetiva, política e cultural.

Nota-se assim que o contrário da guerra não é a paz forçada, mas a vida psicossocial que suporta antagonismos, diferenças e incômodos e que encontra lugar no interior do self e na vida cotidiana comum para suportar, acomodar e ressignificar os afetos múltiplos, no colo da *parentalidade suficientemente boa* e da *Pátria, mãe gentil*.

Winnicott e a democracia: uma demanda do amor primitivo

Segundo Winnicott (1987), a prática da democracia e a experiência de liberdade são vividas mais intensamente após períodos em que somos estimulados a lutar por forças antagônicas. Em uma sociedade mais democrática, as pessoas estariam investidas de tempos em tempos a lutar por seus direitos, pondo-se a serviço do Estado, ao mesmo tempo exigindo que o Estado preste seus serviços à população, contrabalançando o poder. O voto seria uma das formas de alternar o poder, com a possibilidade de eleger e destituir alguém, reivindicando melhorias e direitos.

Por outro lado, o indivíduo que deposita toda a responsabilidade de sua liberdade em um líder político idealizado e não luta por ela acovarda-se em um estado de inibição, com pouco investimento em sua própria liberdade, como os observados em casos de ditaduras e do totalitarismo, em que

não há um reconhecimento de sua própria vitalidade por parte dos seguidores, fazendo uma conexão direta com uma “personalidade” enfraquecida.

A democracia, portanto, estaria ligada diretamente ao amor primitivo e à possibilidade de utilizar essa força vital (que tem potencial destrutivo quando não integrada às experiências do self) na luta por direitos e para se obter alguma trégua, responsabilizando-se continuamente por ela, o que estaria em direta conexão com uma “personalidade” rica e complexa.

Para entender a raiz da democracia, Winnicott faz um convite ao mundo dos sentimentos (e talvez ao mundo instintual e seus aspectos inconscientes), e não à lógica e ao raciocínio, elementos apaziguadores utilizados pela consciência, que, quando usados em demasia, podem encobrir ou roubar a força vital e instintual, transformando-a em atos destrutivos, mesmo que por procuração (elegendo alguém que destrua nossos inimigos por nós).

Os nazistas, que obviamente adoram que se lhes diga o que fazer, não se sentem responsáveis pela escolha de um líder, e são incapazes de derrubá-lo, sendo pré-adolescentes nesse aspecto. Podemos reivindicar que, no modo de vida democrático, nosso objetivo é a liberdade, se pretendemos um compartilhar de responsabilidades maduro ... (Winnicott, 1987, pp. 218-219; grifos nossos)

Conforme já demonstrado, Winnicott elabora a ideia de democracia a partir dos cuidados ambientais ofertados no *lar comum*, que permite a construção de um self pendular que acolhe a luta inconsciente de forma complexa, pendendo entre o que é *verdadeiro* e o que é *falso*, na vida pessoal e na relação com a cultura.

Assim, os laços afetivos de base e a possibilidade de viver experiências de cooperação e conflito passam a exercer papel fundamental no estabelecimento da democracia, bem como a privação deles é constituinte da tendência antissocial, da delinquência e da instituição de regimes antidemocráticos (Dias, 2023a)

No período marcado pela eclosão da Segunda Guerra Mundial, seu desfecho e o início da guerra fria, observa-se a evolução do pensamento de Winnicott, partindo de uma *visão psicanalítica* de ordem intrapsíquica e edípica, em que os homens travam suas batalhas no front, para um *olhar psicossocial*, deslocando para a maternagem suficientemente boa (*liderada*

pelas mães e sua devoção comum) os fundamentos da democracia, a partir da *tendência democrática inata* (um correlato à *tendência inata à integração*) (Winnicott, 1950; 1957).

O caminho winnicottiano que levou o intrapsíquico ao relacional/transicional relaciona a saúde à maturidade e à capacidade de integrar as experiências da vida (*tendência inata à integração*), de forma que a democracia (*tendência democrática inata*) passa a ser uma *conquista do desenvolvimento psicossocial*.

Portanto, a *tendência inata à integração* é expressa no interior do self e, quando articulada na relação com a sociedade, expressa-se como uma *tendência democrática*. Dessa forma, o autor faz a ponte entre o self e o grupo; entre o self e o social, uma vez que o self, por sua raiz relacional, é sempre uma experiência do indivíduo-grupo.

No entanto, se os fundamentos democráticos são semeados no interior do self e na experiência de ser de cada um, a máquina democrática, conforme explica Winnicott, não pode ser *imposta*, mas apenas *sustentada* a partir das boas relações presentes nos *lares comuns* (Winnicott, 1950, p. 247).

A esperança equilibrista: o psicanalista tem que continuar

Sem ter a pretensão de fazer qualquer análise geopolítica, ao analisarmos os conflitos atuais entre Rússia e Ucrânia, Palestina e Israel, pela via psicossocial ofertada por Winnicott, podemos nos arriscar a dizer que as fronteiras entre o eu e o não-eu tornaram-se radicalmente atingidas pela disputa de poder e por questões étnico-raciais que determinam os conflitos nessas regiões.

Nesse espaço-tempo, a ideia do que é *nosso* para russos, ucranianos, palestinos e judeus tem um caráter separatista discriminatório e não converge em possibilidades democráticas que criam espaços *comuns*.

Ironicamente, temas como antissemitismo, racismo, totalitarismo e outros *ismos* ligados à destrutividade e à guerra, tão aderentes ao período das guerras mundiais, e que determinaram alguns (ou muitos) dos desenvolvimentos teórico-clínicos apresentados por Freud e seus dissidentes, incluindo Winnicott, voltam à cena contemporânea.

Pensando-se particularmente nas contribuições de Winnicott, seu arsenal teórico-clínico fundante tem como força motriz a busca por um estado reconciliador com a destrutividade, a privação e a deprivação que a guerra fez

despontar, apostando na saúde, na vida e nas relações interpessoais de base, quase como uma reação esperançosa imediata à violência humana.

No Brasil, os conflitos travados pelos países citados também ressoam, principalmente entre os dissidentes da psicanálise que aqui residem, particularmente devido à maciça inserção da comunidade judaica nas sociedades e institutos de psicanálise.

Se no enfrentamento da pandemia da Covid-19, diante dos ataques do vírus mutante, bem como da política genocida encabeçada por alguns chefes de Estado (incluindo o do Brasil), pudemos utilizar a *sobrevivência* como uma força instintual e de vida, por que não haveria esperança agora?

Apenas lembrando alguns fatos de um passado não tão longínquo. Referimo-nos aqui às possibilidades que uma grande parcela de psicanalistas (do Brasil e de todo o mundo) criou para sobreviver e adaptar-se à realidade da pandemia, propiciando um alargamento positivo do campo ético-profissional da psicanálise, ampliando as bordas do fazer psicanalítico.

As fronteiras do setting e sua relação com o espaço e o tempo foram repensadas e reorganizadas, atravessando a ponte entre o antigo e o novo normal, propiciando assim o trânsito incômodo do divã para a tela; do consultório para o quarto, para o carro ou para o banco da praça; de São Paulo para a Bahia; do Rio de Janeiro para a França; da psicanálise de longa duração para as consultas terapêuticas.

A psicanálise contemporânea, que viveu e sobreviveu à pandemia da covid-19, assim como aquela que se desenvolveu na Sociedade Britânica dos anos 1930, 1940 e 1950, também pôde democratizar-se diante do caos, sustentando suas posições para manter-se viva diante da destruição, do medo, do desespero e da perda do ambiente ligados à pandemia (analogamente à guerra, no caso de Winnicott).

A destrutividade foi assim enfrentada, a partir da agressividade vital advinda do amor primitivo, pelos psicanalistas e pela própria psicanálise como disciplina, que sobrevive às catástrofes humanas desde seu início, possibilitando experiências de cooperação e conflito, com discussões importantes sobre os fundamentos teórico-clínicos do campo.

Se Winnicott nos ensinou que a prática da democracia e a experiência de liberdade são vividas mais intensamente após períodos em que somos estimulados a lutar por forças antagônicas, pode-se dizer que este período pós-pandemia, que ainda aponta para desafios relacionais entre culturas e povos, tem em seu horizonte um lastro democrático, porque ainda há pessoas

investidas na luta por seus direitos, há apoiadores e instituições que pedem e lutam pelo cessar-fogo e que transcendem o binarismo esquizoparanoide do período de conflitos.

Essa dinâmica é vivida intensamente não apenas ao analisarmos algumas respostas aos conflitos geopolíticos atuais entre russos, ucranianos, judeus e palestinos, mas também no interior do self psicanalítico, que discute, problematiza e ainda se pergunta, apesar do alargamento ético-profissional do campo no período pós-pandemia: “O que fazemos hoje, a partir da nossa prática virtual em linha (online), é psicanálise?” Afinal, “há esperança?”

A própria pergunta é o espaço em que a esperança surge, porque o amor primitivo se incumbe de encontrar forças para responder a ela, como a criança que brinca no jogo da espátula e faz o gesto em direção ao objeto (Dias, 2023b).

Dessa forma, acreditamos que todos aqueles que estão convictos dos xiboletes da psicanálise (Fulgencio, 2008) e de seus fundamentos identitários constituintes do self psicanalítico sempre terão esperança e conseguirão expandir as fronteiras do campo, lançando novas epistemes e novos fazeres psicanalíticos, em uma espécie de *trans*-psicanálise, que se expande na área transicional e incorpora o que vem da experiência cultural, dançando na corda bamba de sombrinha.

La esperanza baila en la cuerda floja con paraguas: el hogar común, la guerra, la democracia y D. W. Winnicott

Resumen: El artículo explora la teoría del desarrollo emocional de Winnicott, destacando su enfoque psicosocial que conecta aspectos subjetivos y relacionales entre el individuo, la familia y la sociedad. Se hace hincapié en la importancia de una parentalidad lo suficientemente buena para promover un desarrollo emocional saludable, resaltando el papel del entorno facilitador presente en el *hogar común*, que sostiene la espontaneidad y la tolerancia a las ambigüedades y diferencias presentes en las relaciones humanas fundamentales, aspecto crucial para el sustento de la maquinaria democrática y para la recuperación de la disolución de los lazos sociales, presente en regímenes totalitarios y en guerras. Bajo este marco teórico, se discute cómo los psicoanalistas contemporáneos pueden incorporar la incomodidad de la destructividad, transformándola en agresividad vital, para sostener un yo psicoanalítico maduro. Este enfoque permite la construcción de nuevas epistemes y prácticas psicoanalíticas sin perder la autenticidad de la disciplina. Palabras clave: *hogar común*, guerra, democracia, D. W. Winnicott

Hope dances on the tightrope with an umbrella: the common home, war, democracy, and D. W. Winnicott

Abstract: The article explores Winnicott's theory of emotional development, highlighting its psychosocial perspective that connects subjective and relational aspects among individuals, families, and society. The emphasis is on the importance of good enough parenting in promoting healthy emotional development, highlighting the role of a facilitating environment in the *ordinary good home* that supports spontaneity and tolerance for ambiguities and differences present in foundational human relationships. This is seen as a fundamental aspect for sustaining the democratic machinery and countering the dissolution of social bonds evident in totalitarian regimes and wars. Within this framework, the article discusses how contemporary psychoanalysts can incorporate the discomfort of destructiveness, transforming it into vital aggression to support a mature psychoanalytic self. This approach allows for the construction of new epistemes and psychoanalytic practices without losing the authenticity of the discipline.

Keywords: *ordinary good home*, war, democracy, D. W. Winnicott

L'espoir danse sur la corde raide du parapluie : le bon foyer commun, la guerre, la démocratie et D. W. Winnicott

Résumé : Cet article explore la théorie du développement émotionnel de Winnicott en mettant en lumière son aspect psychosocial qui relie les aspects subjectifs et relationnels entre l'individu, la famille et la société. L'accent est mis sur l'importance de la parentalité suffisamment bonne dans la promotion du développement émotionnel sain, en mettant en avant le rôle de l'environnement facilitateur, présent dans le *bon foyer commun*, qui soutient la spontanéité et la tolérance aux ambiguïtés et aux différences présentes dans les relations humaines de base. Cet aspect est fondamental pour maintenir le bon fonctionnement de la machine démocratique et pour remédier à la dissolution des liens sociaux observée dans les régimes totalitaires et les guerres. Dans ce cadre, on discute de la façon dont les psychanalystes contemporains peuvent incorporer le malaise de la destructivité, le transformant en agressivité vitale, afin de soutenir un moi psychanalytique mature. Cette approche permet la construction de nouvelles épistémologies et pratiques psychanalytiques sans perdre l'authenticité de la discipline.

Mots-clés : *bon foyer commun*, guerre, démocratie, D. W. Winnicott

Referências⁷

- Alexander, S. & Taylor, B. (2012). *History and psyche: culture, psychoanalysis, and the past*. Palgrave Macmillan.
- Bowker, M. H. & Buzby, A. (2017). *D. W. Winnicott and political theory: recentering the subject*. Palgrave Macmillan.
- Caldwell, L. & Robinson, H. T. (Eds.) (2016). *The collected works of D. W. Winnicott*. Oxford University Press.
- Dias, F. C. (2022). *O feminino entre nós: um diálogo com Winnicott*. Blucher.
- Dias, F. C. (2023a). A antidemocracia como expressão do ódio e da violência contra a mulher: a perspectiva de Winnicott (pp. 425-435). In M. de S. G. Hugill, S. S. Sommariva, G. A. Bagginstoss, A. Beiras & P. R. dos Santos (Orgs.), *Estudos e práticas sobre os impactos da pandemia covid-19 na vida das mulheres e as relações de gênero*, V. 3. Editora Academia Judicial.
- Dias, F. C. (2023b). O brincar e os fundamentos democráticos encenados no quintal (pp. 45-59). In M. L. S. Gomes, P. T. Amorim & M. S. Torres (Orgs.), *(Con)textos de psicanálise infantil no Brasil*. Alexa Cultural/Edua.
- Fulgencio, L. (2008). *O método especulativo em Freud*. Educ.
- Groarke, S. (2014). *Managed lives: psychoanalysis, inner security and the social order*. Routledge.
- Kanter, J. (2000). The untold story of Clare and Donald Winnicott: how social work influenced modern psychoanalysis. *Clinical Social Work Journal*, 28(3), 245-261. <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1005179617180>
- Hjulmand, K. (1999). Lista completa das publicações de D. W. Winnicott. *Natureza Humana*, 1(2), 459-517.
- Phillips, A. (2006). *Winnicott. Ideias e Letras*. (Trabalho original publicado em 1988)
- Winnicott, D. W. (1946). Aspects of juvenile delinquency. In L. Caldwell & H. T. Robinson (Eds.), *The collected works of D. W. Winnicott* (3:1:7). <https://www.winnipooh.net>
- Winnicott, D. W. (1950). Some thoughts on the meaning of the word democracy. In L. Caldwell & H. T. Robinson (Eds.), *The collected works of D. W. Winnicott* (3:5:17). <https://www.winnipooh.net>
- Winnicott, D. W. (1957). The mother's contribution to society. In L. Caldwell & H. T. Robinson (Eds.), *The collected works of D. W. Winnicott* (5:3:30). <https://www.winnipooh.net>
- Winnicott, D. W. (1964). The value of depression. In L. Caldwell & H. T. Robinson (Eds.), *The collected works of D. W. Winnicott* (6:4:10). <https://www.winnipooh.net>

7 Além da classificação de Knud Hjulmand, foram acrescentadas na lista de referências às obras de Winnicott, aquelas presentes no *The collected works of D. W. Winnicott*, da seguinte forma: volume, parte e item. Os textos foram recuperados da plataforma Winnipooh, alimentada pela versão digital das obras completas de Winnicott oferecidas pela Oxford, disponível para consulta no Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicottiana

- Winnicott, D. W. (1984a). Aggression, guilty and reparation. In L. Caldwell & H. T. Robinson (Eds.), *The collected works of D. W. Winnicott* (6:1:10). <https://www.winnipooh.net>
- Winnicott, D. W. (1984b). *Sum*: I am. In L. Caldwell & H. T. Robinson (Eds.), *The collected works of D. W. Winnicott* (4:2:10). <https://www.winnipooh.net>
- Winnicott, D. W. (1986a). Berlin walls. In L. Caldwell & H. T. Robinson (Eds.), *The collected works of D. W. Winnicott* (9:1:25). <https://www.winnipooh.net>
- Winnicott, D. W. (1986b). The concept of the false self. In L. Caldwell & H. T. Robinson (Eds.), *The collected works of D. W. Winnicott* (7:1:1). <https://www.winnipooh.net>.
- Winnicott, D. W. (1986c). Living creatively. In L. Caldwell & H. T. Robinson (Eds.), *The collected works of D. W. Winnicott* (9:2:11). <https://www.winnipooh.net>
- Winnicott, D. W. (1987). Discussion of war aims. In L. Caldwell & H. T. Robinson (Eds.), *The collected works of D. W. Winnicott* (2:2:3). <https://www.winnipooh.net>

Fernanda Cristina Dias
contato@fernandacristinadiaz.com

Leopoldo Fulgencio
lfulgencio@usp.br

Recebido em: 2/2/2024

Aceito em: 11/3/2024